

II Concurso Literário do MPDFT

*Poeta
Mario
Quintana*

2003

Dicas de conservação do livro

- Não escreva nas páginas.
- Manuseie o livro com as mãos limpas.
- Evite comer e beber durante a utilização.
- Não o deixe aberto com a lombada para cima.
- Mantenha as folhas íntegras, sem dobras, danos ou marcas.
- Não marque as páginas com cliques.
- Não apoie o cotovelo.
- Escolha lugares adequados para deixá-lo.

Atenção:

Ao verificar dano ou defeito em livro do acervo,
comunique à Biblioteca.



BIBLIOTECA
MPDFT

II Concurso Literário do MPDFT

Poeta Mario Quintana

FICHA TÉCNICA

Brasil, Ministério Público do Distrito Federal e Territórios

Procurador-Geral: José Eduardo Sabo Paes

Diretor-Geral: Antonio Marcos Dezan

Chefe do Departamento de Recurso Humanos: Leomar Daroncho

Chefe do Setor de Apoio e Controle: Edmilson Enedino das Chagas

Membros da Comissão Organizadora:

Presidente: Roberto Carlos Batista (AMPDFT)

Secretário: Edmilson Enedino das Chagas (MPDFT)

Membro: Gilson Carvalho da Silva (ASMIP)

Membros da Comissão Julgadora:

Presidente: Escritor Antônio Carlos Elizalde Osorio (Academia
Brasiliense de Letras)

Secretário: Escritor Romeu Jobim (Associação Nacional de
Escritores - ANE)

Membro: Escritor Antônio Olinto (Academia Brasileira de Letras)

Projeto Gráfico: Adriana Custódio da Silveira e Hilton Brandão

Revisão: Joíra Coelho Furquim

II Concurso Literário do MPDFT

Poeta Mario Quintana



Ministério Público do Distrito Federal e Territórios



Apoio:



Re. 49640
Ex. 959151

leit.
869.8992
DIST CON
2003
Ex. 1

Copyright © 2003

Concurso Literário interno do MPDFT, II : poeta Mario Quintana.
Brasília : MPDFT, 2003.
76 p. ; 14,8 x 21 cm.

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia. 3. Conto. I. Título.
II. Ministério Público do Distrito Federal e Territórios.

CDD 869.8992
CDU 869.0 (81)

SUMÁRIO

Nota do Procurador-Geral de Justiça do Distrito Federal e Territórios.....	07
Nota da Comissão Organizadora.....	09
Nota da Comissão Julgadora.....	11
Prefácio.....	13
Poesias.....	15
Infinita essência, de Luiz Beltrão Gomes de Souza.....	17
Olhar além, de Artur Marciano Lins Ferreira.....	21
Hoje é noite, de Elen Caroline de Castro Lopes.....	25
O mentiroso, de Gilson Alves Carneiro.....	29
Canto de amor, de Ana Paula Barbosa Cusinato.....	33
Contos.....	37
O funeral do velho monge, de Gilson Alves Carneiro.....	39
Derradeira carta, de Antônio Carlos Mação.....	45
Tudo por amor, de Suzana de Toledo Barros.....	51
O sapo que falava, de Edval Alves de Carvalho.....	57
Anjo caído, de Artur Marciano Lins Ferreira.....	63
Biografias.....	69
Dados Biográficos dos Autores.....	71
Dados Biográficos dos integrantes da Comissão Julgadora.....	75

Cantemos a canção das chamas!

*A vida é um incêndio: nela
dançamos, salamandras mágicas
Que importa restarem cinzas
se a chama foi bela e alta?
Em meio aos toros que desabam,
cantemos a canção das chamas!
Cantemos a canção da vida,
na própria luz consumida...*

Inscrição para uma lareira, Mario Quintana

Na primeira edição do nosso Concurso Literário Poeta Mario Quintana, ação derivada do Programa de Gestão de Competências e Habilidades, em 2002, escrevi que o feito era motivo, ao mesmo tempo, de grande alegria e esperança para nós do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios.

A alegria, naturalmente, materializou-se na constatação de que o sonho, compartilhado por muitos colegas, de criarmos um espaço generoso para a produção literária de qualidade era sim um sonho possível. Concluí aquele comentário com palavras sábias de Mario Quintana, que nos exortam a “*buscar lá dentro o que nos mobiliza, instiga e conduz*” – Felicidade Realista.

Esta segunda edição, por sua vez, confirma a esperança que tínhamos. Como pode ser visto, tanto o crescimento do número de literatos que se inscreveram neste certame quanto a qualidade dos trabalhos demonstram as enormes possibilidades de colhermos bons resultados, caso seja instigada a mobilização da energia criadora em nosso meio.

Nesta segunda edição, é imperioso que se registre, contamos com a generosidade e o desprendimento de notáveis escritores que se dispuseram a compor a Comissão Julgadora, conferindo maior peso e universalidade ao concurso.

Os excepcionais resultados atingidos, publicados neste volume que estará disponível em muitas bibliotecas públicas do Brasil, tornam esta iniciativa literária uma *chama bela e alta*. Por certo, presenciaremos desdobramentos – verdadeiros incêndios – não só internamente,

nas também em outras pessoas e instituições.

Outra vez temos razões para estarmos felizes! O MPDFT está dando a sua contribuição, cantando a *canção das chamas!* Cantando a *canção da vida!*

JOSÉ EDUARDO SABO PAES

Procurador-Geral de Justiça do Distrito Federal e Territórios

Nota da Comissão Organizadora

*A beleza dos versos impressos em livros
– serena beleza com algo de eternidade –
Antes que venha conturbá-los a vez das declamadoras.
Ali repousam eles, misteriosos cântaros,
Nas suas frágeis prateleiras de vidro...
Ali repousam eles, imóveis e silenciosos.*

Mario Quintana

No silêncio eloqüente de cada verso estão a força, a grandeza, as inquietações, os amores, os sonhos e realizações de cada artífice e escultor das letras, tocado pela alma e embalado pelo coração. Os poemas e os contos são a tradução de cada sentimento, de cada emoção experimentada pelo poeta e contista ou percebida nas pessoas por eles observadas. Do simples movimento natural do cair de uma pétala aos grandes e emocionantes instantes do nascimento ou da morte de um ser humano, extraem o poeta e o contista a energia de seus versos, a revelar a beleza da existência, a consagrar a eternidade do poema e dos pensamentos em prosa.

No silêncio fazem-se a poesia e o conto; no silêncio perpetuam-se os livros, habitam as bibliotecas e transformam o coração dos homens que amam, transcendendo da voz e da alma dos escritores.

Eis a importância e a magnitude de sua veiculação, pois ela é um convite ao amor e ao compartilhamento das emoções.

Por isso, parabéns a todos os vencedores pela premiação – e vencedores pela produção literária inscrita – no II Concurso Literário Poeta Mario Quintana que nos dão a honra de publicá-la, após rigorosa seleção por uma banca que contou com a participação da Academia Brasileira de Letras, da Academia Brasiliense de Letras e da Associação Nacional dos Escritores.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

mas também em outras pessoas e instituições.

Outra vez temos razões para estarmos felizes! O MPDFT está dando a sua contribuição, cantando a *canção das chamas!* Cantando a *canção da vida!*

JOSÉ EDUARDO SABO PAES

Procurador-Geral de Justiça do Distrito Federal e Territórios

Nota da Comissão Organizadora

*A beleza dos versos impressos em livros
– serena beleza com algo de eternidade –
Antes que venha conturbá-los a vez das declamadoras.
Ali repousam eles, misteriosos cântaros,
Nas suas frágeis prateleiras de vidro...
Ali repousam eles, imóveis e silenciosos.*

Mario Quintana

No silêncio eloqüente de cada verso estão a força, a grandeza, as inquietações, os amores, os sonhos e realizações de cada artífice e escultor das letras, tocado pela alma e embalado pelo coração. Os poemas e os contos são a tradução de cada sentimento, de cada emoção experimentada pelo poeta e contista ou percebida nas pessoas por eles observadas. Do simples movimento natural do cair de uma pétala aos grandes e emocionantes instantes do nascimento ou da morte de um ser humano, extraem o poeta e o contista a energia de seus versos, a revelar a beleza da existência, a consagrar a eternidade do poema e dos pensamentos em prosa.

No silêncio fazem-se a poesia e o conto; no silêncio perpetuam-se os livros, habitam as bibliotecas e transformam o coração dos homens que amam, transcendendo da voz e da alma dos escritores.

Eis a importância e a magnitude de sua veiculação, pois ela é um convite ao amor e ao compartilhamento das emoções.

Por isso, parabéns a todos os vencedores pela premiação – e vencedores pela produção literária inscrita – no II Concurso Literário Poeta Mario Quintana que nos dão a honra de publicá-la, após rigorosa seleção por uma banca que contou com a participação da Academia Brasileira de Letras, da Academia Brasiliense de Letras e da Associação Nacional dos Escritores.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

Nota da Comissão Julgadora

A Comissão Julgadora do II Concurso Literário Poeta Mario Quintana, instituído pelo Ministério Público do Distrito Federal e dos Territórios, apresenta o resultado de seus trabalhos.

Poesia:

- 1º *Infinita essência*, de Galeria;
- 2º *Olhar além*, de Lautremontes Barricada;
- 3º *Hoje é noite*, de Natasha;
- 4º *O mentiroso*, de Albano Alves;
- 5º *Canto de amor*, de Lisbela.

Contos:

- 1º *Funeral do velho monge*, de Albano Alves;
- 2º *Derradeira carta*, de Claude Champlévé;
- 3º *Tudo por amor*, de Caio Amaral;
- 4º *O sapo que falava*, de Castro Alves;
- 5º *Anjo caído*, de Krig-Ha Bandolo.

A classificação, tanto em contos quanto em poesia, não foi unânime, mas resulta da média das notas atribuídas aos concorrentes pelos membros da Comissão.

Houve em ambas as categorias, ao ver da Comissão, textos de baixo, médio e melhor nível literário, incidente na hipótese, como sempre, a famosa Curva de Galtz.

No tocante ao patrono do certame, o escritor Mario Quintana, a Comissão Examinadora do I Concurso, realizado em 2002, já prestou a merecida homenagem.

Assim, resta à atual Comissão cumprimentar a Administração do Ministério Público do Distrito Federal e dos Territórios, pela feliz iniciativa.

A profissionais do Direito e da Palavra, com efeito, não basta a redação correta, do ponto de vista gramatical. É preciso, também, que

seus textos apresentem valor estético, isto é, bom nível literário e, para tanto, como estímulo, nada mais recomendável que a instituição de concursos semelhantes ao de que se trata.

A COMISSÃO JULGADORA

À guisa de prefácio

Membro da Comissão Julgadora do II Concurso Literário Poeta Mario Quintana, instituído pelo Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, como representante da Associação Nacional de Escritores, de consequência alguém que leu e avaliou, por dever de ofício, os trabalhos concorrentes, solicito-me os organizadores da coletânea que pretendem publicar, contendo os cinco primeiros textos premiados nas categorias conto e poesia, que a prefacie.

Trata-se de honraria especial e, portanto, de pedido irrecusável.

Duas, por certo, são as características de uma obra de arte. Em primeiro lugar, há de ser ela um *produto da elaboração humana*, ou seja, uma *obra proveniente do fazer humano*. Em segundo, há de ela ostentar um *plus*, que se denomina *belo* ou *valor estético*.

Mas, que vem a ser um *valor*? Exatamente aquele *algo mais*, aquele *plus* que faz com que as coisas (naturais ou da elaboração humana) não nos sejam indiferentes. Porque as coisas que não nos são indiferentes, ou são *úteis* ou *nocivas*, *fortes* ou *fracas*, *verdadeiras* ou *falsas*, *belas* ou *feias*, *boas* ou *más*, *justas* ou *injustas*, *sagradas* ou *profanas*, aí temos toda uma escala de valores.

Sendo a *literatura*, pelo menos em seu sentido estrito, uma *arte*, há de ter *valor estético* para que, como tal, se configure. O que transforma um texto corretamente redigido em obra de arte é precisamente aquele *algo mais*, aquele *plus*: a *beleza* ou *valor estético*.

A partir dessas ligeiras considerações, tenho como das mais felizes a iniciativa da administração do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, ao instituir um concurso como o de que se trata, no intuito de aprimorar, pelo incentivo, o gosto artístico de seus membros, servidores e estagiários, já que a profissionais do Direito e da Palavra, como *in casu*, tal atributo só mais e mais se adequa e impõe.

É claro que um profissional do Direito e da Palavra deve escrever com correção. Aliás, nem se compreenderá que não o faça. Contudo, se seus textos possuírem o *plus* a que fiz referência, por certo que não será ele um profissional comum.

Nem terá sido por outra razão que o quinhentista Antônio Ferreira, poeta, dramaturgo, jurista e desembargador português, escreveu que “não fazem mal as Musas aos Doutores”.

E é isto: aos doutores e a todos as musas e as belas letras não só não fazem mal como, em verdade, só fazem bem.

Aos ganhadores do concurso, e a todos os que dele participaram, consigno aqui meus parabéns, de par com meu muito obrigado aos organizadores da coletânea, pela honraria destas linhas.

ROMEU JOBIM

Poesias

Infinita essência
Olhar além
Hoje é noite
O mentiroso
Canto de amor

Infinita essência

Luiz Beltrão Gomes de Souza

Pseudônimo: Galeria

1º colocado

Infinita essência

Quisera eu ser o vento.

Voar livre, brincar trôpego.

Surdo à lógica do tempo, sem limites ou contornos, indiferente aos mil adornos que não somam ou acrescentam nem cabelos nem momentos.

Quisera eu ser a água.

Fluida, límpida, amoldada.

Adaptando-se e adaptada e, mesmo em formas confinada, permanecer pura na substância e na essência imutada.

Quisera ainda ser o sol.

Eis a lista, tal é o rol:

Sem juízos ou valores, só contente em mais luzir.

Brilhar a todos, sem pudores, bons e maus, justos e injustos, e sem mais se pôr a rir.

Mas não sou vento nem água nem sol. Não o sou.

Minha forma tem limites, minha essência se corrompe, meu brilho se esvai.

Qual pedra bruta trago arestas; cortam fundo, ferem e doem, como lanças ou punhais.

Meio homem, meio deus,

limitado e infinito,

de atos dignos das estrelas e de outros que, como um grito, envergonham o mais vil dos animais.

Não sou vento nem água nem sol. Não o sou.

Mas é caminhando que se faz caminho.

O sentido é caminhar, peregrinos que somos numa terra de cuja história não se sabe o fim – se é que fim terá.

E caminhando se rompem limites, se purifica a essência, se reacende o brilhar.

Infinita essência

Quisera eu ser o vento.

Voar livre, brincar trôpego.

Surdo à lógica do tempo, sem limites ou contornos, indiferente aos mil adornos que não somam ou acrescentam nem cabelos nem momentos.

Quisera eu ser a água.

Fluida, límpida, amoldada.

Adaptando-se e adaptada e, mesmo em formas confinada, permanecer pura na substância e na essência imutada.

Quisera ainda ser o sol.

Eis a lista, tal é o rol:

Sem juízos ou valores, só contente em mais luzir.

Brilhar a todos, sem pudores, bons e maus, justos e injustos, e sem mais se pôr a rir.

Mas não sou vento nem água nem sol. Não o sou.

Minha forma tem limites, minha essência se corrompe, meu brilho se esvai.

Qual pedra bruta trago arestas; cortam fundo, ferem e doem, como lanças ou punhais.

Meio homem, meio deus,

limitado e infinito,

de atos dignos das estrelas e de outros que, como um grito, envergonham o mais vil dos animais.

Não sou vento nem água nem sol. Não o sou.

Mas é caminhando que se faz caminho.

O sentido é caminhar, peregrinos que somos numa terra de cuja história não se sabe o fim – se é que fim terá.

E caminhando se rompem limites, se purifica a essência, se reacende o brilhar.

Infinita essência

Quisera eu ser o vento.

Voar livre, brincar trôpego.

Surdo à lógica do tempo, sem limites ou contornos, indiferente aos mil adornos que não somam ou acrescentam nem cabelos nem momentos.

Quisera eu ser a água.

Fluida, límpida, amoldada.

Adaptando-se e adaptada e, mesmo em formas confinada, permanecer pura na substância e na essência imutada.

Quisera ainda ser o sol.

Eis a lista, tal é o rol:

Sem juízos ou valores, só contente em mais luzir.

Brilhar a todos, sem pudores, bons e maus, justos e injustos, e sem mais se pôr a rir.

Mas não sou vento nem água nem sol. Não o sou.

Minha forma tem limites, minha essência se corrompe, meu brilho se esvai.

Qual pedra bruta trago arestas; cortam fundo, ferem e doem, como lanças ou punhais.

Meio homem, meio deus,

limitado e infinito,

de atos dignos das estrelas e de outros que, como um grito, envergonham o mais vil dos animais.

Não sou vento nem água nem sol. Não o sou.

Mas é caminhando que se faz caminho.

O sentido é caminhar, peregrinos que somos numa terra de cuja história não se sabe o fim – se é que fim terá.

E caminhando se rompem limites, se purifica a essência, se reacende o brilhar.

Infinita essência

Quisera eu ser o vento.

Voar livre, brincar trôpego.

Surdo à lógica do tempo, sem limites ou contornos, indiferente aos mil adornos que não somam ou acrescentam nem cabelos nem momentos.

Quisera eu ser a água.

Fluida, límpida, amoldada.

Adaptando-se e adaptada e, mesmo em formas confinada,
permanecer pura na substância e na essência imutada.

Quisera ainda ser o sol.

Eis a lista, tal é o rol:

Sem juízos ou valores, só contente em mais luzir.

Brilhar a todos, sem pudores, bons e maus, justos e injustos,
e sem mais se pôr a rir.

Mas não sou vento nem água nem sol. Não o sou.

Minha forma tem limites, minha essência se corrompe, meu brilho se esvai.

Qual pedra bruta trago arestas; cortam fundo, ferem e doem,
como lanças ou punhais.

Meio homem, meio deus,

limitado e infinito,

de atos dignos das estrelas e de outros que, como um grito,
envergonham o mais vil dos animais.

Não sou vento nem água nem sol. Não o sou.

Mas é caminhando que se faz caminho.

O sentido é caminhar, peregrinos que somos numa terra de cuja história não se sabe o fim – se é que fim terá.

E caminhando se rompem limites, se purifica a essência, se reacende o
brilhar.

Caminhando é que se faz caminho. O sentido é caminhar...

Não sou vento nem água nem sol. Não o sou.

Mas bem que poderia ser.

Quem sabe não o sou de fato? Quem o poderia negar?

Se não todo, ao menos filho.

Eu, estrela; ela, brilho;

Eu, sal; ela, mar.

Tal é a minha essência, infinita, eterna essência.

Nela fui forjado e para ela vou voltar.

E ainda que silente,

luzente ou adormecida,

candente ou enfraquecida,

ardente ou empedernida,

qual criança em maternos braços,

sempre e por onde for

a irei carregar.

Olhar além

Artur Marciano Lins Ferreira

Pseudônimo: Lautremonte Barricadas

2º colocado

Estou preso
em casa,
no trabalho,
na rua,
no boteco,
na zona.

Estou preso em queda livre,
no precipício.

Sou escravo
de conforto,
da obrigação,
do destino,
da cachaca,
do prazer simulado.

Sou escravo de toda liberdade,
que imagino o mundo possa ter.

Há um êmbolo que não vejo, que não toco,
mas ele esmaga meu coração,
oprime minha mente e faz ferver
meu sangue. Então, sou denso ódio
e fluido sofrimento.

Tenho flechas de fogo e ira
cravadas no peito.
Tenho rosas de sangue e dor
plantadas nas palmas das mãos,
mas meu peito e minhas mãos
estarão para sempre abertos a ti –

vida intensa e autêntica –, ao teu sorriso
que se refugia além do olhar
de quem olha além de si mesmo.

Hoje é noite

Elen Caroline de Castro Lopes

Pseudônimo: Natasha

3º colocado

vida intensa e autêntica –, ao teu sorriso
que se refugia além do olhar
de quem olha além de si mesmo.

Hoje é noite

Elen Caroline de Castro Lopes

Pseudônimo: Natasha

3º colocado

Hoje é noite

Hoje é noite de pensar em ti
De pronunciar teu nome baixinho sem cessar
De sorrir e de chorar
Sorrir, por lembrar de tantos momentos divinos... e de chorar
Porque não mais se repetirão.
Hoje é noite de recordar e sofrer
De olhar para o céu
E tentar visualizar a imagem do teu sorriso
Refletida na mais bela estrela
Hoje é noite de sofrer com as recordações
E ainda assim agradecer a Deus por elas existirem;
Caso contrário nada restaria de nossa história que nunca, nunca
morrerá
Me angustio por ter a plena certeza de que jamais amarei novamente
alguém assim
E procurarei em vão...
Um pouco de ti em outras pessoas
E não encontrarei – Eu sei.
Hoje é noite de me lamentar
De tantas lágrimas incontáveis
Que de nada serviram
Pois não pude te impedir de ir
Mesmo assim pedirei a Deus com fé
– Que o tenha novamente!
Mesmo que só por um dia,
Por um único instante
Mesmo que sofra ainda mais
E direi Amém
Mesmo que não se realize.
Hoje é noite de em sonhos ir ao teu encontro
De fazer dos meus sonhos razão de viver
Hoje é noite de amargar essa amarga realidade
E optar por desejos dados como impossíveis
Hoje é noite de no meu leito vazio te imaginar
Trazendo lembranças do passado
Hoje é noite de brincar de fazer amor com imaginação...
Hoje é noite de meramente te amar em segredo.

O mentiroso

Gilson Alves Carneiro

Pseudônimo: Albano Alves

4º colocado

O mentiroso

O mundo trata bem a quem bem se veste
O mundo trata bem a quem de início o conteste,
mas que aos seus encantos depois se preste

Desculpem, senhores, se estou atrasado!
Desculpem, senhoras, se estou desalinhado!
...é que, como vêem, choveu um bocado!
Desculpem, senhores, pela minha demora
e se tão nervoso pareço agora!
É que há uma chuva estranha lá fora...
E ao ver aquela chuva, mesmo assustado,
não pude deixar de ficar fascinado
Não me contive em ficar bem abrigado
e acabei assim, como vêem: manchado!

Desculpem, senhoras! Desculpem, senhores!
...se estou parecendo um buquê de flores!
É que eu tomei uma chuva de cores!

Desculpem, senhoras! Desculpem, senhores!
Senhoras de preto... Senhores de branco...

Canto de amor

Ana Paula Barbosa Cusinato

Pseudônimo: Lisbela

5º colocado

Canto de amor

Para que assim conheçam a razão do meu canto.
(Neruda, LXXXIX)

Ouço Beethoven e estou Burana
Nada importa.
A sonata escolhida
A Profana sentida
Vivo assim
Assim vivo você.

Saudade quase prazerosa
dada a certeza da eternidade
do efêmero amor.

Desejo sua boca
Seu sangue, seu sêmen
Essência de minha e sua vida
realizada em meu ventre.

Ouço o som do seu prazer
e danço.
Danço a dança cabal e exata
Alma, corpo, pensamento
sob e sobre sua alma, corpo e pensamento
Em espasmos deíficos...
“Nos acessos mútuos e comuns gemidos.”¹

¹ Cruz e Sousa, **Piedosa**

Contos

Funeral do velho monge
Derradeira carta
Tudo por amor
O sapo que falava
Anjo caído

Funeral do velho monge

Gilson Alves Carneiro
Pseudônimo: Albano Alves
1º colocado

Funeral do velho monge

Morto. O bom e velho monge já está morto. Finalmente, suas pálpebras estão seladas por ressecadas lacrimejações. Finalmente, as moscas, uma das poucas coisas antipatizadas por ele nesta vida, se deleitam na inoportuna ironia de lhe zunirem demoradamente ao pé do ouvido e de lhe defecarem nos lábios. Finalmente, a simplória mortalha lhe veste o frágil corpo. Fustigados e órfãos estão os seguidores da doutrina ensinada pelo velho. Tal doutrina ensinava que “em tudo há uma ciência!”.

O monge fundara em torno de si uma pequena confraria de estudos e vivências místicas e ontológicas acerca do pensamento. Inserir-se em tal confraria consistia em admitir-se como um aprendiz dos modos e potencialidades do pensamento humano. Dever-se-ia buscar adquirir e desenvolver, por exemplo, maiores habilidades na arte de intuir e refletir da forma mais elevada possível a ponto de se perceber criticamente como transcorria a capacidade de pensar e quão influenciado esse pensar estava pelas coisas do mundo atual. Cria-se que todos temos conhecimento do futuro e do passado, que nossas impressões seriam na verdade reminiscências deformadas de outros lugares e tempos onde paralelamente também habitaríamos. Ou seja: todos nós teríamos desdobramentos de nós mesmos em outras dimensões, algo como a relação entre as partículas subatômicas e suas antipartículas. Visava-se, portanto, uma integração do indivíduo com todas as suas outras partes dimensionais espalhadas pelo universo, unidas tenuemente por um fio comum: o pensamento.

Essa busca, ora científica, ora religiosa, era considerada o próprio processo transcendental e inerente à doutrina ensinada pelo monge. Ele dizia que “no final das contas, todos acham que sabem pensar, mas estão infantilmente equivocados. Todos acham que o pensamento é o que nos constitui enquanto seres e, como tal, é um processo independente da vontade e meramente natural, quando, na verdade, o pensamento é apenas uma ferramenta ao dispor de nossa existência, como assim o é o formão para o marceneiro ou o moinho para o oleiro... O

pensamento não é a forma última das coisas, nem o que faz as coisas existirem, mas é um meio pelo qual as coisas são moldadas por nós, um dos meios pelos quais fazemos as coisas existirem para nós. Talvez a magna função do espírito seja primeiro aprender a sentir, depois aprender a raciocinar, e, por último, aprender a combinar o que se sente e se raciocina no que poderia ser chamado o estágio de pensar, ou ciência. Infelizmente, fato é que vivemos uma época triste, onde as pessoas acham que podem falar sobre tudo... Mas não podem! Nem tudo pode ser reduzível ao discurso e ao relativismo semântico. E as pessoas ainda dizem que falam o que pensam... A maioria das pessoas perdeu a capacidade de pensar já há muito tempo, na infância, e nem desconfiam... Ora, não à toa a vida faz-se em acordo com o que se pensa que ela é. Dessa forma, se quisermos almejar uma vida melhor, temos de transcender o atual estágio de nossas potencialidades evolutivas, temos de exponenciar as formas atuais de pensar, afinal transcender é nosso dever e destino supremos ante a Criação. Para tanto, devemos aprender a pensar com a envergadura que esta iminente e inevitável elevação da espécie nos impõe”.

Pois bem, ao que parece, bem apreciados foram a presença e os ensinamentos do monge neste mundo, visto que alguns entre o modesto séquito de seguidores choram copiosamente. Além disso, outras personalidades estão aqui: os servos, o homem rico e eminente, o sábio, o louco das montanhas de quem o velho monge era grande amigo e confidente, os secretos amantes, a virgem, o pescador, o artista, o homem da lei, a hipocrisia e, de modo geral, uma certa melancolia, esse sentimento do qual nos valem ou do qual somos acometidos nos velórios e que tomando como base minha ignara opinião acerca desses meta-assuntos - nos faz esquecer uma inferência considerável a ser levantada nessas ocasiões: o provável bem-estar do morto, posto que pode ser que esteja sofrendo ou sofrerá mais quem - digamos - “fica”.

Sobre isso o monge dizia que “ todos sabem, mas só raramente estão em condição de lembrar ou admitir, que a única e inefável certeza que podemos ter nessa vida não é a certeza da existência da morte, mas sim, a certeza da existência da vida. Afinal, conhecemos a vida... A mor-

te é que é uma inferência. E como somos rodeados de vida, podemos nos dar o direito até de imaginar que é improvável que qualquer coisa no universo morra!”

...Já é madrugada e o funeral chega a um certo êxtase, onde as preces e os cânticos vão sendo entoados até em mais de um idioma. A aurora parece tardar, parece receosa em ultrajar os domínios da noite que ainda se manifesta pela aura do mundo. A cera já está rendida aos pés da telúrica chama da vela e as rosas exalam com complacência seus últimos perfumes, ainda que inevitavelmente os seus sutis aromas misturem-se ao cheiro da morte. Desta feita, tristemente as rosas e as velas acabam por contribuir com o odor acre que impregna o ar.

Invariavelmente, o olhar de um ou outro circunstante, timidamente, insiste em oscilar para um prego encravado na parede, a alguns palmos acima da face do falecido corpo. A disposição do caixão em relação ao prego está de tal forma que, observando-se de certa perspectiva, há a impressão de que o morto atenta fixamente para o tal prego.

Certa vez, ao passear pelo interior do humilde mosteiro que lhe fora erigido por seus seguidores, já que ele não tinha mais forças para morar entre os bosques, o velho monge, ao passar por uma pequena câmara fria e quase sem móvel algum, teria se sentido perturbado especialmente com o vazio de uma das paredes, que parecia esquecida, sem nenhuma decoração. Ele sugeriu que, se não havia nenhum móvel para ser colocado ali, que então ao menos fosse fincado um prego naquela parede. Quando um seguidor perguntou o que aquele prego sustentaria, prontamente o velho respondeu: “a parede!!!”, “certamente daqui a pouco tempo a utilidade desse prego será esclarecida; por enquanto sua função será prover de algum conteúdo e sentido a existência desta parede”. O monge lembrou que “todas as coisas, casuais ou não, são traçadas e geometrizadas por uma grande e inapreensível estética”. Para que compreendessem melhor lembrou que “a lua traz a maré e esta, por sua vez, leva o filhote da tartaruga”. Deste modo, o prego já estaria ali e a moldura, sim, é que estaria à sua espreita.

Os fiéis relembram isso se preparando para as últimas ladainhas do funeral. Eis que uma velha seguidora chega atrasada à cerimô-

nia. Às pressas e visivelmente transtornada, adentra a câmara com uma coroa de flores e lírios silvestres. Até então, esse belo ornamento não havia sido trazido por ninguém para compor digna e respeitosamente o modesto cenário de símbolos daquela celebração. Contudo, não havendo nenhum lugar ou sequer uma haste de castiçal para sustentar o arranjo fúnebre, a velha, inocente e prontamente, sem dar-se conta, finda por dependurar a coroa de flores no enferrujado prego até então sem moldura.

Nesse instante, todos reparam na cena. Então, após um ínterim em suspense, retomam automaticamente as preces e os cânticos com mais êxtase e fulgor.

Derradeira carta

Antônio Carlos Mação

Pseudônimo: Claude Champlévé

2º colocado

Derradeira carta

Escrevo-te esta derradeira carta, *mon chéri*, por considerar que mereces uma explicação para o meu futuro “desaparecimento” ... Tu provavelmente não acreditarás em muitas das coisas que lerás, mas posso te assegurar que nada do que te contarei é falso. Por isso, para teu próprio bem, peço-te que mantendas a mente aberta para o que se segue.

Eu nasci no longínquo ano de 1749 na cidade francesa de Bordeaux. Tive uma infância normal e estava começando a me preparar para ingressar no estudo das leis – influenciado por Montesquieu –, quando fui trazido ao meu atual estado de existência em 1770, durante uma experiência que foi ao mesmo tempo prazerosa e traumatizante. Aportei no Rio de Janeiro no verão de 1921; decidi mudar de ares após a I Grande Guerra, uma vez que a crise européia estava deixando muitos de nós com fome.

Antes de prosseguir devo te dizer que estás tendo uma oportunidade única. Minha espécie não fala sobre si mesma para a sua. Passamos os últimos cinco séculos na obscuridade, preparando algo que chamamos de “A Máscara”. Aliás, *mon chéri*, peço-te total sigilo acerca de tudo que te contarei; pela tua segurança e pela minha. Caso meus congêneres descubram que te contei tudo isso, matarão ambos. “A Máscara” é toda a nossa proteção, toda nossa sociedade é baseada nela. Mas eu já estou me adiantando e apenas te confundindo. Como diria o inglês Jack, conhecido por vocês como o Estripador, e um dos mais famosos de minha raça: vamos por partes!

Para começarmos, peço-te que esqueças praticamente todas aquelas bobagens com as quais o cinema e a literatura nos estigmatizaram. Ainda que, de fato, sejamos dotados de caninos afiados, tu não os verás, a menos que decidamos mostrá-los. Sim, eu bebo sangue humano; sem os nutrientes que ele fornece, definharei. E enquanto eu o beber, viverei para sempre, a menos que eu seja destruído – o que seria uma proeza e tanto. Portanto, somos tão imortais quanto a lenda diz. Posso substituir o sangue humano com o sangue de animais, mas esta

dieta é desagradável, insípida; não me satisfaz da maneira correta, porém é muito útil em momentos de desespero. Meu coração não bate; o que leva o sangue pelo meu corpo é minha força de vontade. Para todos os efeitos, meus órgãos internos estão, há muito, atrofiados; mas isso não faria diferença para um médico-legista, uma vez que irei rapidamente me decompor em pó assim que eu estiver realmente morto. As vantagens? Não sou incomodado por ninharias tais como respiração, temperaturas extremas e outras coisas, pois minha pele é fria. Comida normal, para mim, não passa de uma abominação; além do mais ela não permanece mais do que alguns segundos no que resta de meu estômago. Mesmo com a eternidade à minha frente, *mon chéri*, tenho mais o que fazer do que me debruçar sobre latrinas, fazendo esforço para que os pedaços de carne caiam dentro da privada.

Sendo assim, em termos leigos, podemos dizer que eu não sou mais um ser humano; sou um simples sanguessuga, um cadáver ambulante, indistinguível de qualquer outro corpo do necrotério, a não ser que eu me mova. Sutilezas tais como aquecer minha pele e lembrar de piscar são guardadas para conseguir companhia, como tu. Também não sou afetado por nenhum crucifixo, estrela de David ou qualquer outro símbolo religioso, a não ser que a pessoa que o esteja usando possua fé verdadeira. Na verdade, não importa muito se o símbolo é religioso ou não. Há registros de um *hippie* que acreditou tão fortemente que sua mochila o protegeria, que meu semelhante se sentiu desconfortável e o deixou em paz. Mas essa espécie de fé é realmente muitíssimo rara hoje em dia. Nove entre dez vezes é possível aproximar-se de um padre, tirar a cruz de sua mão e matá-lo enquanto ele ainda chama por Deus.

Já as outras bobagens cinematográficas não passam exatamente de lendas! O alho não tem valor nenhum para mim. As estacas só me afetam se conseguirem acertá-la no coração e, ainda assim, isto apenas me imobilizaria. Água corrente? Eu tomo banho, muito obrigado! Já a luz solar realmente nos machuca, mas é necessário muito mais do que um simples raio de sol para me transformar em cinza; e o mesmo vale para o fogo.

Agora voltemos ao ato de sugar o sangue humano. Sim, *mon*

chéri, sinto dizer-te que tudo isso é uma necessidade, embora seja possível deixar a presa viva. É necessário um pouco de autocontrole e um pequeno esforço para fechar a ferida. E, não, nem todos nós sugamos da jugular – tu podes riscar outro *clichê* de tua lista. O único problema em deixar uma presa viva é que, a menos que se use certos tipos de proteção, ela se lembrará. E essas brechas na Máscara não são vistas com simpatia. De fato, o ponto crucial é que beber sangue não só permite perpetuar minha existência, como me dá uma sensação única e diferente de tudo o que este mundo tem a oferecer. E, acredite-me, *mon chéri*, não há palavras capazes de descrever com o que se parece.

O primeiro gole de sangue, na maioria dos casos, é bebido na noite em que se é transformado em um Amaldiçoado. O processo é chamado de “O Abraço” e possui duas fases bem distintas e dolorosas. A primeira é simples: bebe-se até a última gota de sangue que se conseguir, daquele que se pretende transformar em seu “filho”. Essa fase é idêntica a uma refeição normal, com exceção de não se preocupar em apagar a memória da presa e nem se livrar do cadáver, além de ser uma refeição bastante farta. Após a extração da última gota de sangue, devolve-se uma parte do que se retirou; para tanto, cortam-se os pulsos – ou lábios, ou qualquer outra parte do corpo – e derramam-se algumas gotas do próprio sangue sobre os lábios da vítima. O sangue então desce pela garganta da vítima e a ressuscita.

Como tudo isso começou? De acordo com o Livro do Gênesis: “[...] pôs o Senhor um sinal em Caim, para que não o ferisse quem quer que o encontrasse [...]”. Portanto, somos todos descendentes de Caim, filho de Adão e Eva. Caim descobriu que poderia passar sua maldição adiante e então “gerou” crianças da noite para aliviar sua solidão; e cada cria sua gerou outras crias e assim sucessivamente. Quanto mais distante de Caim, cada geração é um pouco mais fraca. De qualquer forma, não somos todos como Caim. Cada um de seus netos, chamados de Antediluvianos – vez que existiam antes da enchente de Noé –, possuía um conjunto particular de maldições e poderes místicos, os quais foram herdados por seus descendentes. Tornamo-nos raças especializadas, as quais chamamos de clãs. São conhecidos treze gran-

des clãs, cada um com poderes e esferas de ação próprias. E temos também a *Jyhad*: durante as primeiras noites, os filhos mais velhos de Caim começaram a brigar entre si, usando suas próprias crias e o rebanho como peões, enviando-os de um lado a outro, contra os asseclas de seus rivais. Como somos imortais, a antiga disputa nunca chegou a terminar. Por isso o jogo de esquivar e atacar, aparar e golpear continua até hoje. Membro contra membro, clã contra clã, nação mortal contra nação mortal, todos sob o comando de manipuladores ocultos.

O mais interessante disso tudo é que, em 1453, com o advento da Santa Inquisição, além das barbáries cometidas pela Igreja nesse período, muitas linhagens de vampiros foram dizimadas. Pela primeira vez os imortais corriam um sério risco de extinção. Os que sobreviveram a tal período, logo aprenderam o valor do sigilo e da dissimulação e, com isso, estruturaram nossa sociedade. A chamada *Camarilla* se originou de pequenas reuniões, assim como meus compatriotas franceses se escondiam na Revolução Francesa. Foi a *Camarilla* que constituiu uma série de leis e princípios para proteger a todos da extinção. A principal e mais sagrada dessas regras é a Lei da Máscara, como já havia te dito.

Portanto, *mon chéri*, perdoa-me por desaparecer assim! Eu te amo demais para ver-te sofrer. Acho que não agüentaria ver mais uma de minhas amadas envelhecer e morrer... Fica tranqüila! Nenhum de meus congêneres te incomodará ou incomodará teus descendentes! Basta que não retires nunca o colar com o qual te presenteei. É um código entre nós de que és uma de minhas protegidas. Mantereis acesa sempre em minha mente o último beijo apaixonado que trocamos. Adeus!

Tudo por amor

Suzana de Toledo Barros
Pseudônimo: Caio Amaral
3º colocado

Tudo por amor

A história que agora vou lhes contar fala de amor, amor genuíno, amor feminino. Há muito trago-a na memória, tamanha comoção volveu-me o espírito quando a ouvi naquela manhã tórrida de primavera hostil, num quadrante longínquo do Brasil central.

Mararosa e Rosamara eram irmãs, gêmeas e idênticas; não fossem os corpos apartados, pareceriam siamesas. Jamais se separavam, jamais brigavam. De gênio absolutamente dócil, formavam par alegre. Com roupas sempre iguais, trancinhas ao vento e mãos dadas, lá iam descendo ou subindo a ladeira da principal rua de Tupanã, acenando à vizinhança, chutando pedrinhas, em compasso binário, afinado pela índole e pelo espírito de união.

Um dia, quando já moças, o pai lhes chamou para conversa franca. Mararosa e Rosamara souberam que a vida adulta lhes reservava separação. “Devem se casar, e, cada uma em sua casa, terá seus filhos e marido ao derredor; amor e amizade Deus mantém pra vida toda, não carece ficar só.” Palavra do pai, benção da mãe, resignação da natureza, Mararosa e Rosamara foram ao altar meses depois, com matutos da região, escolhidos a dedo para a prometida felicidade.

Cinco anos se passaram e Rosamara viu concretizar-se o esperado. O quintal dava ramos e frutas, Raimundo lhe garantia o sustento, e a vida permitiu que seu ventre crescesse por três vezes, trazendo-lhe meninos homens, fortes como o pai. Mas a felicidade não lhe tomava o peito. Nas preces do entardecer, pedia, suplicava com fervor, pudesse Deus dar a sua irmã querida também a graça de um menino, quem sabe uma menina. “Por que Mararosa não pode ter rebentos ? Por que Mararosa deve ser diferente, se foi o próprio Deus quem fez igual duas pessoas?” Rosamara decidiu, então, fazer promessa. Ficasse maninha prenhã, ficaria, ela, Rosamara, de resguardo durante um ano, isso, doze meses contadinhos de privação carnal. “Raimundo que dê jeito, é por amor”.

Rosamara sentiu a compensação divina pela renúncia prometida, quando Mararosa contou-lhe que José, o marido, tinha tomado

ungüento do bom, e o resultado logo veio, com a gravidez tão desejada.

O rumo do destino, porém, nem sempre parece estar traçado. O imponderável toma de assalto também os puros, violando a regra de que Deus só vinga os maus. Mararosa perdeu o marido em acidente bobo de carroça. Logo depois perdeu também o filho ainda quando três meses de gravidez mal haviam se passado.

Não bastasse a tristeza das irmãs pelo ocorrido, Raimundo não entendia o desinteresse da mulher. Acostumado a ter seus carinhos, computava cinco meses de total abstinência. Andava acabrunhado, por vezes desesperado. Em contrapartida, a pouca cultura de Rosamara e sua grande devoção não lhe permitiram solver o impasse que lhe torturava a intimidade. A gravidez da irmã veio, mas a criança não vingou; a promessa, contudo, sendo coisa séria, a seu juízo deveria ser cumprida até o fim, a não ser em situação excepcionalíssima, que o caso não requeria.

Raimundo não aceitava a rejeição e julgava estar a esposa sofrendo mal profundo. Amava-a e não iria deixá-la, ainda mais se estivesse realmente acometida de alguma doença grave. Poderia, também, ser coisa passageira. Em todo caso, não agüentava mais. Precisava dar solução. Procurou a irmã, Mararosa, e lhe confidenciou seu temor pela moléstia, seu amor por Rosamara, seu desejo de ser fiel, sua incapacidade, porém, de manter a abstenção. Propôs-lhe, com cautela, cedesse ela a seus desejos, mal nenhum lhe faria, juraria fazer o ato, pensando na esposa, afinal, eram idênticas, Deus seria testemunha das suas intenções. Mararosa aquiesceu, por amor à irmã, pensando em manter a guarda do cunhado diante das brejeiras da região até que conseguisse saber ao certo que enfermidade poderia ser. Apavorava-lhe pensar que Rosamara pudesse perder Raimundo, sua felicidade, igualando-se a ela, pobre solitária. Em seu pensamento altruísta, faria o que fosse preciso, mesmo tamanho sacrifício.

Do imprevisto resultou o drama: Mararosa ficou grávida do cunhado e outro não foi o desfecho, senão contar tudo a Rosamara. E foi nesse dia que outra verdade emergiu. Também esta relatou à irmã e ao marido sua infelicidade pela desdita de Mararosa, sua intenção junto a

Deus, a esperança da misericórdia. Amava Raimundo, mas amava muito mais aquela que lhe era a cópia divina. Agora a providência encarregava-se de desnudar todo pudor. Mas era de admitir-se, também, que a graça pedida fora alcançada, pois “Maninha está grávida, não fica mais só, e tudo foi feito por amor”.

A trama precisava de jeito. Manter a promessa não fazia mais sentido, porquanto o caso mostrava-se, doravante, excepcional. “E que fazer com o falatório do povaréu?” O pároco, procurado, não quis sequer ouvir, foi logo argumentando que, sendo o assunto quebra de promessa, a instância era o bispo, D. Geraldo, e a diocese Amaro Leite, cidade a 150 Km dali.

Rosamara e Raimundo iniciaram cedo a viagem. Tencionavam o encontro com D. Geraldo ainda em tempo de voltar até o anoitecer. Estavam afoitos, o plano entabulado, precisavam de autorização. Toda-via o bispo atendeu-os já tarde, estavam todos cansados.

D. Geraldo tinha a prudência de sacerdote, mas a senilidade deixava dúvidas nos seus interlocutores. “O bispo tá compreendendo?” D. Geraldo acenava positivamente com a cabeça. Ao fim da exposição, mostrou-se tenso, pediu tempo para reflexão. O veredicto seria dado em três dias.

Naquela noite, D. Geraldo agitou-se mais do que o normal. Recolheu-se sem jantar, exagerou no vinho. Sua idade avançada começou a preocupar-lhe. Reavivava a memória, buscando as mesmas palavras usadas pelo casal em seu relato. Porém a mistura de rosas e de identidades começava a latejar em sua cabeça. “Devo estar ficando velho, confuso”. Admitiu seu desvario, não seria crível o pedido, muito menos o fundamento. Procurou orar, mas o coração já fraco não lhe permitiu. Morreu naquela mesma noite, sem ter incomodado Deus.

A notícia surgiu no dia seguinte em Tupanã. Rosamara e Mararosa quedaram-se inertes. Era ter de interpretar. Mesmo de poucas letras, tinham como consenso na sabedoria popular de que “Quem cala consente”. E o silêncio eterno seria o mais irrefutável ato de permissão.

Foi assim que Mararosa assumiu até o fim da gravidez a perso-

nalidade de Rosamara. Para tanto usou as roupas das irmã e deitou-se em sua cama, recebendo desta todos os cuidados. A vizinhança, já acostumada com o amor das duas, exortava as qualidades de Mararosa, cuja abnegação era tida como destino.

Nasceu Piedade, filha de Mararosa, como se de Rosamara fosse. Foi esta quem a registrou. Foi aquela, a dinda, quem a criou. Enquanto viveram, ninguém jamais soube do imbróglio que um dia se formou, mas que o amor, por si só, pôs cada coisa em seu lugar. “Com a ajuda de Deus, Nosso Senhor”.

O sapo que falava

Edval Alves de Carvalho
Pseudônimo: Castro Alves
4º colocado

O sapo que falava

Saindo de seu habitat natural, para tentar ganhar a vida, um Sapo-boi-mocho, de apenas 50mm, aprendeu a falar a língua dos outros animais.

Falar outros idiomas, no mundo animal, é algo extraordinário visto que, normalmente, cada bicho se comunica, apenas, com outros bichos da mesma espécie.

Boi-mocho descobriu que seu verdadeiro nome, seu nome científico, era ODONTOPHRYNUS AMERICANUS.

– Chique, não?

Crente de que agora sabia tudo, Boi-mocho foi trabalhar para uma família de Gansos, Gansos-da-escânia; uma família de gansos brancos oriundos da Noruega, que chegavam a pesar até 8 quilos.

– Uma família de fidalgos.

E apresentou-se como: Americanus.

– É, esse era um nome que se adequava a um Sapo poliglota.

De tanto se empolgar com o trabalho, o Sapo-boi-mocho, agora conhecido como Americanus, aprendeu até a esticar o pescoço, que quase não tinha, para observar as coisas por cima, como faziam os Gansos.

Sentia-se o próprio Ganso em seus afazeres. E de tanto servir aos Gansos, empolgou-se com seu trabalho.

Boi-mocho, ou melhor, Americanus, esqueceu-se de sua origem, esqueceu-se de que era um Sapo, um ANFÍBIO ANURO, pertencente à família dos LEPTODACTILÍDEOS ou, popularmente, à família das Rãs. Aquelas que adoram uma região alagadiça, também conhecida como região de brejo, onde tem muuita lama.

Mas Boi-mocho, ou corrigindo, Americanus, não se incomodava com o fato de não sentir-se um Sapo; era respeitado entre os Gansos e isso lhe bastava.

Afinal, aquela vida de Sapo, de que ele nem se lembrava mais, deveria ser muito chata, sempre com medo de ser devorado por algum predador, camuflado entre aquelas folhas sujas e lamas frias, sempre lidando com sujeira.

– Eca!

E pensava consigo: “– Que coisa chata... Por que será que Sapo tem sempre que estar próximo de lama, debaixo de folhas apodrecidas?”

– Humm! Que fedor, não?

Mas um dia faltou água para os Gansos-da-escânia. E Boi-mocho – Oh! Desculpem, Americanus! – foi designado para encontrar água para a família.

E ele, como um funcionário exemplar, teve que tentar cumprir aquela árdua tarefa.

Depois de andar por todos os lugares chiques e visitar todos os poderosos do Reino Ganseriano, Boi-mocho, – Perdão, Americanus! – foi informado de que só no Reino dos Anfíbios, mais precisamente no Reino das Rãs, é que existia água em abundância.

Chegando ao Reino Raniano, Boi-mocho – Mil perdões, Americanus! – já estava desesperado para beber.

– Estava quase moorto de sede.

E deparando-se com um enorme poço, com bastante água e lama, Boi-mocho – Mas que sacrilégio! Americanus! – sequer percebeu que muitos dos seus irmãos de raça habitavam por ali.

Então, como um desesperado, de pescoço empinado, sem olhar para baixo, atirou-se para o poço, pisando sobre vários colegas.

– Tropeçou. E caiu de cabeça no poço gigante.

Desesperado, Boi-mocho – Mas que que é isso? Americanus! – gritava para os outros Sapos, em uma língua desconhecida para eles: “– Socorro!... Socorro!”

É que Boi-mocho – Eu queria dizer Americanus – tinha esquecido como se falava o Saporês.

Os outros Sapos não entendiam nada; afinal, um Sapo dentro d'água é algo mais do que natural.

– E o deixaram lá, no fundo do poço!

– E aí? Como sair de uma situação dessas?

Boi-mocho, ou, como ele gostaria: Americanus, aprendera a ser um Ganso e esquecera que era um Sapo.

Foi só no fundo do poço que Boi-mocho – Mas que cabeça a

minha, Americanus! – percebeu que ter vivido a vida dos Gansos agora em nada poderia ajudá-lo, dentro do poço.

Tivesse ele aprendido a ser um Sapo e vivido como seus semelhantes, agora não morreria em um ambiente que lhe deveria ser tão familiar.

– Isso se ele não tivesse se esquecido de ser um verdadeiro Sapo, em terra de Ganso.

MORAL DA HISTÓRIA:

Nunca esqueça quem você é, nem de onde veio, pois estar em um ambiente não significa pertencer a ele.

Anjo caído

Artur Marciano Lins Ferreira
Pseudônimo: Krig-Ha Bandolo
5º colocado

Anjo caído

– Sinto uma tranquilidade quase total, aqui em cima. Quando o vento bate no meu rosto, suas carícias são tão ternas que chego a imaginar se é possível ocorrer isto entre seres humanos. Desta altura, as pessoas são bem pequenas e parece que o mundo todo está distante, fora do meu alcance. Que sorte...

Era um dia importante para Engel – seu nome era Engelina von Gothaskein, mas não o suportava, nem ela mesma sabia o porquê –, afinal de contas havia decidido que seria o último. As feições eram doces como as de uma santa numa escultura barroca, o corpo tenro, a pele clara, pois detestava a luz do sol – a cada manhã, seu coração partia sob o peso da alva –, os cabelos, muito escuros e densos, caíam sobre os ombros, combinando bem com seu rosto longilíneo. Trajava a camisa do colégio, saia, tênis e óculos de grau – tinha dezesseis.

– Ei, garota! O que faz aqui, no terraço? Este lugar não é para diversão... são dez andares, você sabe disso? – Alguém havia aparecido para estragar seus planos.

– Não estou me divertindo. Vá embora e me deixe só, por favor.

– Vamos! Vamos! Saia logo de cima do parapeito deste prédio. Aí não é lugar de sentar!

Engel não dava muita atenção ao que lhe era dito. Permanecia lá, no alto, balançando as pernas, como uma criança que brinca em um balanço, até que ele lhe falou suavemente, com uma voz que parecia vir de dentro de sua cabeça.

– Você está tendo um sonho dentro de um pesadelo.

– O quê? O que você disse? – Voltou-se para ver, enfim, quem lhe falava.

Era alto, aparentava, talvez, uns quarenta anos, a pele bronzeada e chamava a atenção, na face magra, o nariz aquilino, como o dos médio-orientais. Seus cabelos curtos, vigorosamente encanecidos, contrastavam com a vestimenta toda negra. Mocassim, jeans, e camisa social, de mangas longas com duas dobras do punho – simplicidade.

– Vê? É muito alto, não é? Dá uma sensação de paz, de sossego,

olhar tudo tão distante, tão pequeno... tão insignificante. Inspirador, também, não? Este silêncio...

– Quem é você, hem? Quem pensa que é para me abordar assim?

– Bem, eu conheço você desde que nasceu. Para lhe ser sincero, estava a seu lado, quando sua mãe a trouxe ao mundo... Aí, andando meio sem destino certo, resolvi revê-la e conversar um pouco. Está crescida... – Ele se aproximou um pouco mais.

– Você é amigo dos meus pais? E quem lhe disse que eu estava aqui?

– Amigo? Não, não. Olha, eu estou aqui, porque você me chamou.

– Eu? Que gozação é esta? Eu não quero ver ninguém e, pelo pouco que já o conheço, jamais iria querer vê-lo, aqui ou em qualquer outro lugar!

– Sério?

– Sim, sério. Aliás, vá embora, porque eu quero ficar só!

Ele sorriu para Engel e seu sorriso era como uma aurora, mas sem aquele sentimento de aflição que sentia ao despertar. Os olhos negros possuíam um fulgente magnetismo e havia algo de muito estranho em seu olhar. – Ficou frente a frente com Engel.

– Sai daqui! Afaste-se de mim! Já disse que quero ficar sozinha.

– Certo. Eu vou deixá-la em paz, mas, antes disso, posso lhe fazer uma pergunta? – Neste instante, seu interlocutor levanta o dedo indicador, bem suavemente.

– Faça logo e suma da minha frente!

– Você crê, mesmo, que pulando daqui de cima seus problemas acabarão?

– Você não tem nada a haver com a minha vida, com o que faço ou deixo de fazer! Você é um estranho e não tenho de te responder nada. Suma!

– Hum, entendo. Vejamos: você quer viver, mas tem medo? Ou seria vergonha?

– Como posso ter medo ou vergonha de algo tão banal, tão ridículo como a vida? Quanta bobagem em tão poucas palavras! Você é

psicólogo?

– Não exatamente, mas o espírito humano é algo que, de fato, me interessa. Um mundo todo entregue aos seus pés e, por outro lado, tanto desprezo, tanta cegueira.

– Entregue aos pés? Olha, você deve ser maluco. O mundo é hostil, lutamos para sobreviver, dia após dia, sem direito a nada, a não ser sofrimento. Por todo lado, o que se vê é a demência que toma conta de todos, porque é impossível estar lúcido neste inferno. Família, poder, beleza, sonhos, trabalho, política, TV, guerra, escola, religião... Era bem melhor que o macaco nunca houvesse descido de seu galho! Agora, está em uma jaula e sua vida é um tormento. – Engel, agora, estava furiosa, sua face era de um rubor intenso.

– Você tem razão, de certa forma. Entendo sua indignação, mas há um erro grave no seu pensamento.

– Erro? Não o vejo, porque o que disse está tão à vista.

– Você, como tantos outros, crê que há vida nas coisas. A vida está em cada um: nasce, cresce e transborda pelo mundo afora até às estrelas.

– Ah, entendi! Você é um daqueles caras que vivem falando de religião, os salvadores de plantão, sempre com a rede aberta para pescar um besta. – Riu maliciosamente.

– Não. Não é isso. – Olhou para ela com indulgência, balançando a cabeça.

– Então é poeta e está tentando me seduzir. Suma daqui, tarado sem-vergonha! Não há qualquer diferença entre os desejos de um poeta e os de um açougueiro!

– Também não sou poeta. Escuta...

– Tem ligação com a política. Só pode ser... com essa fala mansa de quem vende ilusões àqueles que estão sempre dispostos a crer em tudo.

– Não, não, não! Chega! Eu sou seu anjo da guarda.

– Meu anjo da guarda? Olha, meu amigo, eu não sou mais criança e...

– Sou sim e estou aqui porque você me chamou, lá no fundo do

seu coração.

– Ah! Por isso é que você falou que estava ao meu lado, desde que nasci...

– Exatamente. É toda a verdade. Agora, vamos, desça daí, porque é minha missão protegê-la e mantê-la bem. – Tentou ser imperativo.

– Espere aí! Se você esteve a meu lado este tempo todo, com a missão de me ‘proteger’, por que você não impediu que me contorcesse de cólicas, quando era bebê? Por que não fez nada, quando o Pedrinho, aquele ferrugem de uma figa, tomou minha boneca preferida e botou fogo em seus cabelos? Por que não impediu que caísse do muro de casa, bem em cima da roseira de mamãe, o que me valeu uns malditos espinhos no traseiro? Por que não fez papai me dar uma bicicleta, do jeito que eu queria, em meu aniversário de nove anos? Por que...

– Entenda, há certas coisas que um anjo da guarda não pode resolver, pois não sou um gênio saído de uma lâmpada mágica e, além do mais...

– *Além do mais* uma vírgula! Agora, eu quero tudo que não tive e muito mais! Sua obrigação é me proteger e me manter bem. Ou você me dá o que quero ou pulo daqui, aí a sua barra vai estar mais do que suja lá no céu. Vamos! Quero roupas caras, carro, garotos rastejando atrás de mim, muito dinheiro para gastar à vontade e matar de inveja aquelas meninas metidas que esnobaram minha amizade no colégio, quero viajar o mundo inteiro, sempre com muito luxo e muita badalação, *macaco, praia, jornal, tobogã*. Também quero... Ei! Solte-me! O que é isso? Não brinca, não... Não me empurra que eu vou...

– *Eu acho tudo isso um saco!*

Biografias

DADOS BIOGRÁFICOS DOS AUTORES

ANA PAULA BARBOSA CUSINATO

Nasceu em Uberaba – MG, em 1971, e vive em Brasília desde 1975. Servidora do MPDFT desde fevereiro de 1994, graduou-se em Letras pela Universidade de Brasília, em 1999. Desde a infância, por incentivo de sua família, tem como uma de suas atividades prediletas leitura de obras literárias e arrisca alguma poesia desde a adolescência. O II Concurso Literário Poeta Mario Quintana é o primeiro concurso de que participa. Atualmente cursa disciplinas do Mestrado em Linguística da Universidade de Brasília.

ANTÔNIO CARLOS MAÇÃO

Natural do Rio de Janeiro – RJ, nascido em 1972. Formado em Direito e Computação, ambos pelo UniCEUB. Atualmente é Presidente da Associação dos Servidores do MPDFT. Dentre seus escritores favoritos encontram-se J.R.R. Tolkien, Aldous Huxley, L. Ron Hubbard, Agatha Christie, Edgar Allan Poe. O conto foi baseado em um RPG (*Role Playing Game*), no qual os personagens principais são vampiros que, apesar de todas as adversidades, tentam manter seu lado humano vivo.

ARTUR MARCIANO LINS FERREIRA

Natural de Brasília, nascido em 1970, servidor do MPDFT, desde 1995, bacharel em História pela UnB, Delegado Sindical de Base do SINDJUS-DF, usou o pseudônimo Lautremonte Barricadas, no poema, foi inspirado no poeta Isidore Ducasse, mais conhecido como Conde de Lautréamont. Krig-Ha Bandolo, no conto, faz referência ao título do primeiro álbum de Raul Seixas e que significa 'Aí vem o inimigo!', grito de guerra do herói de história em quadrinhos Tarzan.

EDVAL ALVES DE CARVALHO

Bacharel em Biblioteconomia, com especialização em Conservação Documental e Marketing Social, Secretário da Promotoria de Justiça de Defesa da Saúde – PROSUS, Diretor do Sindicato dos Servidores do MPU, no Distrito Federal – SINASEMPU/DF, editor do jornal *MPU em Construção*, informativo do SINASEMPU/DF, Compositor e Poeta amador, de estilo livre. Pela primeira vez participou de um concurso.

ELEN CAROLINE DE CASTRO LOPES

Natural de Brasília, nascida em 1987, estudante, estagiária de nível médio do MPDFT, na Procuradoria Distrital dos Direitos do Cidadão. Escreve desde os 9 anos de idade, destacando-se pela ausência de soluções puramente formais ou de preocupações estetizantes. Na adolescência, considerada por muitos professores como uma poetisa de sensibilidade neo-romântica, tradicionalista, às vezes elegíaca, sempre singela. Melhor poesia no concurso colegial em 2001, sobre a consciência negra. Utilizou o pseudônimo *Natasha* no II Concurso Literário Poeta Mario Quintana.

GILSON ALVES CARNEIRO

Músico e escritor aprendiz. Graduando em Psicologia pela Universidade de Brasília – UnB. Escreve desde adolescente, principalmente letras de músicas e alguns poucos contos ainda não publicados. Estagiário da Promotoria de Saúde-PROSUS. Utilizou-se do pseudônimo *Albano Alves*.

LUIZ BELTRÃO GOMES DE SOUZA

Nascido e criado em Brasília, Luiz Beltrão, que é neto de escritores, é graduado em Ciências Biológicas e alcançou recentemente o grau de Mestre em Ciências Florestais, ambos pela Universidade de Brasília.

Ex-professor secundário da Fundação Educacional do Distrito Federal e de cursos de Pré-Vestibular, exerce no MPDFT o cargo de Ana-

lista Pericial em Biologia, lotado na Secretaria de Perícias e Diligências.

No II Concurso Literário do MPDFT utilizou-se do pseudônimo *Galeria* em alusão às Matas de Galeria, formação vegetal alvo de suas pesquisas no Mestrado.

SUZANA DE TOLEDO BARROS

Paranaense, de Curitiba, Suzana de Toledo Barros é Procuradora de Justiça e atual Coordenadora-Geral do Centro de Estudos do MPDFT. Mestre em Direito e Estado pela Universidade de Brasília, é professora de Direito Constitucional em diversas instituições de graduação e pós-graduação, dentre as quais a Universidade de Brasília, o Instituto de Ensino Superior de Brasília, a Fundação Getúlio Vargas e a Fundação Escola Superior do MPDFT. É autora do livro *O Princípio da Proporcionalidade e o Controle de Constitucionalidade das Leis Restritivas de Direitos Fundamentais*, obra que se encontra em sua terceira edição e é referenciada por doutrinadores de expoente e pelos tribunais superiores do País. No I Concurso Literário Poeta Mario Quintana, Suzana teve seu conto *Superpoderosas* classificado em terceiro lugar. Utilizou, neste II Concurso, o pseudônimo Caio Amaral.

DADOS BIOGRÁFICOS DOS INTEGRANTES DA COMISSÃO JULGADORA

ANTONIO CARLOS ELIZALDE OSORIO

Nascido em Quarai – RS, em 14/5/1927, Bacharel em Direito e Filosofia.

Fundador e 1º Presidente do Sindicato dos Escritores do Distrito Federal (1979-1981); da Academia Brasiliense de Letras, Vice-Presidente (1983-1986) e Presidente (1986-2001); da Academia de Letras e Artes do Planalto; da Academia Chilena de la Lengua (correspondente); da Academia Goiana de Letras (correspondente); Editor da Revista da Academia Brasiliense de Letras, desde 1985 e Editor da Revista de Poesia e Crítica.

Publicou os seguintes livros: *Brasília - Diálogo com o Futuro* (ensaios) Thesaurus Editora, 1978; *Rebanho de Ventos* (poesia), Civilização Brasileira, 1979; *O Desafio do Branco* (poesia) Massao Ohno Editor, São Paulo, 1982; *Arsenal da Vigília* (poesia) Thesaurus Editora, 1986, prefácio de Nelson Werneck Sodré; *Topia e Utopia* (ensaios e contos) Ed. Utopia, 1991; *O Silêncio e suas Raízes* (poesia), 1992, Prêmio Olavo Bilac 1993, da Academia Brasileira de Letras, prefácio de Fernando Mendes Vianna; *Quase Hai-Kais* (poesia) Ed. Cultura Contemporânea, Porto Alegre, 1992; *Pego a palavra pela ordem* (ensaios e contos), 1992, Prêmio Aníbal Freire 1994, da Academia Brasileira de Letras; *Arquivo Morto* (memórias de um advogado) Ed. Utopia, 1996; *Bestiário lírico* (crônicas) Ed. Uniprom, Porto Alegre, 1997; e *Os degraus do tempo* (uma antologia pessoal), Thesaurus, 2001.

ANTONIO OLINTO

Antonio Olyntho Marques da Rocha, nasceu em 10/5/1919 em Ubá, batizado no Piauí, Minas Gerais e casado com a escritora e jornalista Zora Seljan. Estudou Filosofia e Teologia nos seminários católicos de Campos, Belo Horizonte e São Paulo. Tendo desistido de ser padre, foi durante 10 anos professor de Latim, Português, História da Literatura,

